

ARTE NA PRIMEIRA INFÂNCIA / ARTE DA PRIMEIRA INFÂNCIA

OU

UMA PROPOSTA FEITA DE TEMPOS DILATADOS PARA ESPAÇOS ENCONTRADOS

Marina Marcondes Machado¹

INTRODUÇÃO: VISITAR CONTEXTOS E SITUAÇÕES, OLHAR PARA O ROSTO DA MÃE

Desde maio de 2025, ao ser convidada, pela equipe do Sesc Guarulhos, para fazer parte do evento II Encontro Arte e Primeira Infância, comecei a pensar sobre qual poderia ser uma contribuição original para o tema. Me fiz algumas perguntas: *O que já foi divulgado sobre este tema? Como andam as pesquisas e as instituições que acolhem o binômio arte-infância? O que seria próprio do século XXI para a conversa nesse campo de experiência?*

Hoje parece certo dizer que fazer foco na importância do brincar, e especialmente do brincar imaginativo, é algo suficientemente conhecido, discutido e assumido pelos adultos que se ocupam das crianças pequenas nas mais diversas comunidades, escolas, instituições e países. Podemos ampliar a qualidade da reflexão e dos espaços para brincar, e aprimorar nosso conhecimento e propositivas voltadas às crianças.

A importância dos brinquedos, e me refiro especialmente aos brinquedos corporais, também possui lugar garantido nas discussões deste século. E isso foi um grande passo na educação das crianças pequenas.

Os cuidados com a primeira infância, cuidados em um sentido amplo e desdobrados para a vida cultural da criança, parecem ser hoje uma unanimidade entre estudiosos, pesquisadores e artistas, pais e cuidadores – mesmo que as políticas públicas ainda não deem conta de todas as necessidades prementes.

Já no campo da arte e da pequena infância, o que nos parece ainda não ter sido evidenciado e discutido como merece, seria: a escolarização do brincar, por meio de “atividades”, e o uso das telas e o conhecimento intermediado por elas. Como escolarização quero destacar o modo de organização dos currículos, as brinquedotecas e as datas do tipo “Dia do brincar” ou “Dia do brinquedo”. Quanto ao uso das telas parece existir um pensamento talvez “naturalizado” - ou seja, a comunidade adulta, no geral, pensaria algo como: *os tempos estão assim; não vamos*

¹ Docente na Licenciatura em Teatro da UFMG, pesquisadora das relações entre infância e cena contemporânea e autora de seis livros e inúmeros artigos entretecedidos no binômio arte-vida. Foi docente por cerca de nove anos no Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG e hoje discute e difunde a noção de infâncias plurais na chave da fenomenologia da criança, para além dos muros da Universidade.

deixar nossos filhos de fora dessa modernidade que veio para ficar; é bom pois distrai e instrui; é um modo de se ocupar enquanto os adultos fazem outras coisas... e por aí vai. Também as diferenças econômicas e sociais no uso de equipamentos eletrônicos e da Internet, por parte das crianças, parecem não ter ganho espaço suficiente no debate da comunidade adulta, bem como nas discussões e implementações de políticas públicas.

Nos dois anos da pandemia da Covid, entre 2020 e 2022, todos – em todas as faixas etárias – precisavam de conexão!, telas!, tablets!, programas!, aulas!, dicas!, tutoriais! Todos necessitavam! No entanto muitos não tiveram acesso.

Seriam o celular, o tablet e o computador formas de apaziguamento da solidão e do medo? Nunca saberemos ao certo.

Lembro a leitora e o leitor que uma criança de cinco anos hoje (setembro de 2025) nasceu no primeiro ano da pandemia. Penso que para desenhar um novo contorno para a discussão das relações entre arte e primeira infância, é necessário compreender o fenômeno relacional entre arte e infância por meio da lente da contextualização. Pensem sobre bebês que conheceram os adultos com os rostos cobertos parcialmente pelas máscaras; pensem também sobre a palavra **confinamento**, sem esquecer que a geração que vive sua primeira infância entre 2020 e 2025 viveu seus dois primeiros anos naquele **estado de exceção**. E sabemos que os adultos, em especial as mães de crianças pequenas, estiveram mergulhadas – imersas, submersas, afogadas? – na lida, nada lúdica, de um cotidiano higienista, de lavagem das mãos, evitação de contato e limpeza até mesmo das compras (lembram disso?); experienciamos também um tempo de negacionismo no âmbito governamental e, no âmbito pessoal, de sobrecarga de preocupações, especialmente com o trabalho (e com a ausência de trabalho, e preocupação com a subsistência cotidiana). Todos vivemos sentimentos de medo e tristeza por todos que partiram.

São dois anos, em cinco anos de existência (!), vividos numa atmosfera de grande tensão, inibição e evitação de sociabilidades: dois anos iniciais vividos em confinamento e estado de exceção. Passamos por um tempo em que todas as rotinas e práticas de convívio foram repensadas, suspensas, ressignificadas. Muitos não podiam mais se aproximar dos avós idosos, por exemplo. Pais que trabalhavam no campo da saúde tinham um cotidiano pesadíssimo, muitas vezes afastados dos familiares, por risco de contágio. Artistas profissionais precisaram reinventar suas práticas na modalidade *on line*. Professores tiveram que dar aulas por computador e sem reunir seus grupos, a não ser em telas e com intervenções de todos os tipos vindas dos pais. Muitos perderam os empregos. Muitas famílias viveram em situações de agravamento da precarização e apuros.

Amplio a menção ao tempo da pandemia relembrando o adulto leitor sobre o rosto, a face, **a cara “da minha mãe”**. O psicanalista Winnicott falava (e teorizava) sobre isso de modo enfático e muito bonito: é sobre um bebê espelhar-se no rosto da mãe que o alimenta. Rosto que sorri para ele; rosto que emite sons... canta e conversa. Que ama e elogia. Que briga quando seu bico do seio é mordido. Que se exaure quando o brinquedo mais querido é novamente jogado no chão... em um jogo infinito de apego

e desapego, onde a mãe, ou o adulto cuidador, precisa cumprir a regra de buscar de volta o que foi atirado para longe.

Na pandemia, os rostos adultos foram parcialmente tampados. Muitos olhos choravam seus mortos, entristecidos por medos e restrições. Muitos olhares se esvaziaram, sem amorosidade nem esperança. O *playground* – o lugar de brincar – esteve interditado.

Foi tão duro e terrível que muitos não querem lembrar. Sinto muito se meu texto insiste nessa direção, mas é para poder falar da reabertura do parquinho!

Reabre o parquinho, e quase ninguém sai para brincar!

A submissão ao brilho da tela e à postura sentada, tão requisitada pelos adultos na pandemia, de algum modo venceu (ou inibiu) os impulsos de pular, correr, gritar, balançar, subir, descer, e até mesmo empurrar e morder. Sim, empurrar e morder são ações performativas da pequena infância! Formas de conhecer o outro, formas de experimentar contornos e limites, maneiras de ser da criança a serem transformadas por intervenções adultas, nas relações entre todos que vieram brincar.

Reabre o parquinho e os adultos permanecem temerosos... Não querem que as crianças se machuquem. O medo do risco da brincadeira física parece muitas vezes maior do que o medo da tela e do usufruto de “conteúdo infantil” produzido especialmente para os pequenos...

É como se o tablet fosse o álcool gel – um procedimento seguro e aparentemente universal.

Reabre o parquinho e os movimentos das unidades do Sesc pelo Brasil afora voltam a fomentar Espaços de Brincar. Isso é ótimo.

Três anos depois, nos encontramos por aqui neste evento para discutir as formas de arte que podem ser acessadas pelas crianças, mesmo – e especialmente – as menorzinhas.

LANÇO UMA PROPOSTA

Minha proposta é da volta ao rosto: mostrar a face, dizer a que veio o adulto cuidador que propõe jogos, brincadeiras, viagens imaginativas. Por vezes o conhecimento adulto acerca do brincar tornou-se demasiado técnico, como se os rostos ficassem mais ou menos padronizados, e seus sons, canções e discursividades também, tal como nos emojis. A padronização pode ser analisada como um desdobramento da indústria cultural de massa voltada para as crianças (e pensada e executada pelos adultos).

Minha proposta é de uma volta à artesania. O adulto sem tutorial, sem folhetos de instrução; será preciso apenas adentrar o *playground*. Será preciso viver um tempo e experienciar um espaço de qualidades distintas. Uni as seguintes expressões: **tempos dilatados para espaços encontrados**. Criei esse modo de dizer ao longo dos anos e a partir das minhas leituras e pesquisa sobre teatro e infâncias.

Tempos dilatados são momentos que prescindem de relógios e cronômetros. Para aqueles que vivem em grandes cidades é uma temporalidade rara, e até mesmo difícil de suportar – pois parecemos movidos por agendas e linhas do tempo...

Espaços encontrados são lugares inusitados que, quando descobertos pelas crianças requerem um tipo de dedicação, cujo desdobramento da sua exploração é seu usufruto, seu uso criativo. Um baú, um buraco na parede, um tapete na casa da vó. Pode ser a sombra de uma árvore – ou uma poça de água da chuva. São espaços encontrados que se mostram convidativos para imaginação, provocando o desejo da criança em ocupá-los. Podem ser, na metragem da trena ou da fita métrica, bem pequenos – mas corpos ativos e brincantes fazem deles um país.

Proponho que os adultos unam o tempo dilatado ao espaço encontrado, ofertando essa possibilidade a uma criança. Percebiam o que uma criança fará disso tudo, e como. Molhar o tênis, sujar a camiseta... para que as mãos conheçam o território e que os pés caminhem livremente, na medida do possível.

Entre o tempo dilatado e o espaço encontrado estão as relações humanas.

Reside no **entrelugar** nossa capacidade para fazer arte, para brincar e imaginar. Para criar outros mundos possíveis. Para expressar raiva e dor nos mundos impossíveis. Nesse modo de pensar, **a arte é um lugar para ocupar**.

A arte, especialmente durante os primeiros anos da criança, não precisa ser traduzida por cantigas, pecinhas ou desenhos em papel sulfite. A arte pula do papel, nega e amplia o gesto da música coreografada por um adulto – sim, nega e amplia, pois não se reduz ao que o adulto quer ver e mostrar (hoje resumido em habilidades e competências de um currículo escolarizado). A arte dá as mãos para a brincadeira corporal e imaginativa, de um modo caótico que muitos adultos mostram dificuldade para **suportar**. Suportar no sentido de dar suporte: aceitar, observar, procurar significado do ponto de vista da criança mesma, criadora do gesto... Como disse o poeta: “tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

A arte na primeira infância não precisaria de produtos/resultados do tipo “para mostrar para pais”. Arte é processo, e um processo relacional: entre crianças, entre a criança e o adulto condutor, entre as crianças e o mundo compartilhado por todos. Entre a criança e a matéria. Assim, um grito de espanto ou de medo é musicalidade; um jogo de esconder e achar é teatralidade; usar tinta com as mãos ou com rolinhos na parede azulejada (e não em folhinhas de papel pequenas) é espacialidade; pulos e agachamentos e contenção de energia no jogo de estátua é corporalidade.

Minha proposta é suspendermos o mote da definição da arte como linguagem, como num experimento, que consistirá em assumir a arte como um lugar para ir (e voltar). Chamei, em minha pesquisa, esse lugar de “âmbito artístico-existencial” de modo a evocar as aproximações entre arte e existência.

Fazer arte na pequena infância seria simplesmente viver – viver cada momento em seu tempo dilatado e habitando o espaço encontrado. Tudo lá já estava – mas é parte da infância a crença da criança de que foi ela que encontrou: o pote de tinta, o pano vermelho, as madeiras, os papeizinhos brilhantes em cima do jornal...

A proposta não equivale a planejar atividades, e sim proporcionar chão, terra, cipós; aviões e barquinhos; bacias de água para banhar as bonecas. Proporcionaremos a materialidade das coisas do mundo, com tempo para experimentar, sem pressa nem pressão por resultados.

É como se fazer arte fosse estar de férias. Férias não programadas, nada de turismo de agenda.

É como se as coisas do mundo falassem com a gente, e elas dizem: “Vem, me toque!” E ao tocar fazemos sons que não precisam ter cara de bandinha. E ao tocar percebemos que é liso ou áspero, e isso gera muitas sensações, pensamentos e imaginações. E ao tocar também encontramos a mão do outro que, se não largarmos, se transformará numa roda – e talvez em ciranda, se assim as crianças compreenderem o encontro e a circularidade.

A proposta não divide teatro, artes visuais, dança e música; a proposta une teatralidade, espacialidade, corporalidade e musicalidade. Tudo junto e misturado.

Habitar o corpo próprio para “ser um eu”, sem pressa para “ter um eu”. Esse habitar requer o que o psicanalista Winnicott chama de *holding* – palavra que pode ser traduzida por “segurar”.

Segurar será o papel primordial do adulto. Segurar a onda. Segurar a barra. Segurar firme para a criança rodar e voar. Segurar para que as crianças se sintam capazes para experimentar suas liberdades situadas. Segurar como amparar a tristeza da saudade da mãe. (Que diferença entre segurar e dar bronca!!)

Segurar como ação que afirma que estaremos sempre ali. Presentes também com alguma distância e projetando experiências de protagonismo, tal qual amarrar os cordões do tênis e servir sua própria água na caneca.

Protagonismo no campo das artes é ser o que se é, e liberdade de invenção para ser o que não se é: pássaro, elefante, cachoeira, cratera, bailarina...

A proposta não é criar artistas mirins competentes em técnica e monetização. A proposta acontece com crianças em sua plenitude para brincar, criar, amar; viver e morrer um pouco.

A proposta é compreender que a arte pode nos trazer felicidade, plenitude corporal, e pode também ser a maneira de expressar infelicidade e tristeza, quebra e ruptura:

Deixar que o corpo morra como a avó que se foi por Covid.

Deixar que o corpo viva a experiência de ser bombeiro apagando o fogo.

Deixar que o corpo perceba a dor e a delícia de ser o que é.

Abraçar com consentimento.

Nunca afagar como dissimulação.

Tirar tudo de debaixo do tapete! Absolutamente tudo!

Participar da faxina, limpar as mesinhas, lavar os pincéis e as maçãs.

Nunca esquecer das maçãs, cuja simbologia atravessa tempos e culturas. A proposta é comer uma maçã do conhecimento. A proposta é saber fazer a Maçã do Amor. A proposta é procurar no parque uma macieira. A proposta é imaginar-se cor, flor, fruta e fantasia.

PARA CONCLUIR, O NOVO SEMPRE VEM

Concluo afirmando que muitos avanços foram conquistados com relação às culturas infantis e aos mundos de vida das crianças pequenas, especialmente em torno do brincar e do brincar imaginativo, incluindo a produção cultural adulta para usufruto das crianças – esperar é um verbo das pesquisas das artes da cena e muito importante na formação da pequena infância.

No entanto estamos muito distantes de um trabalho intenso, efetivo e humano de questionamento do uso das telas e da (não) sociabilidade virtual na vida da criança entre zero e seis anos de idade. A contribuição do fazer artístico na infância, no sentido existencial e não produtivista, pode tornar-se crucial para questionar a noção de “bom comportamento” se a expectativa adulta estiver carregada de passividade e submissão por parte das crianças. Muitos adultos querem crianças calmas e que não dão trabalho... Esquecem que o ser habita o corpo, e que, limitando os corpos, estamos limitando a inteligência, que se revela por meio da exploração corporal. Com atitudes disciplinares estamos limitando o protagonismo das crianças em termos de liberdade de ir e vir, pular e correr, dar cambalhotas e gritar, como formas de estar vivo, conhecendo a si mesma, ao outro e ao mundo compartilhado.

Não defendo o fazer artístico como algo feito de explorações aleatórias, mas antes, ações performativas que requerem a companhia de um adulto presente e firme, no sentido de estar ali sempre que necessário, para segurar a onda, para dizer uma palavra que dê sentido ao convívio, ao respeito ao outro e às coisas do mundo, para proporcionar conversas olho no olho e sobre qualquer assunto, para ofertar tinta, cola, música, histórias e tudo o mais. Para que isso ocorra, são os próprios adultos cuidadores e educadores que precisam, urgentemente, sair das telas e dos tutoriais; enfrentar a vida mesma, celebrando a criança como o novo que aí vem.